

Bordando transgressões *arpillera* e a luta de mulheres contra Belo Monte¹

Ralyanara Freire²

Introdução

Em Isla Negra³, no Chile, mulheres camponesas mantêm a prática tradicional de bordar histórias. O trabalho, denominado *arpillera*⁴, é realizado desde o século passado, caracterizando-se pelo intenso colorido e pelas narrativas sobre a vida cotidiana, que carrega. Esse bordado ficou conhecido no país andino como instrumento de resistência ao golpe militar (1973-1989), comandado por Augusto Pinochet.

A repressão e crimes cometidos neste governo fizeram com que mulheres chilenas procurassem espaços de ajuda humanitária e religiosa, encontrando na *arpillera* uma forma de denunciar as violências sofridas. O bordado⁵ se tornou ferramenta política para as vítimas da ditadura, e novas histórias foram narradas através dele. Com o fim do regime militar, ativistas dos direitos humanos seguiram denunciando as ações do governo opressor e espalhando esta técnica para além das fronteiras do país (Blanca, 2014).

¹ Trabalho apresentado no GT 07 – Bordando outro ponto de vista: pensamento envolvente para feminismos, negritudes e fazeres cotidianos.

² Doutoranda em Antropologia Social pela Unicamp, é comunicóloga, mestre em Ciências Sociais e Humanidades. Trabalha com fazeres cotidianos buscando pensar os processos manuais de criação de bordados, tecidos e costuras sem perder de vista as relações de trocas entre mulheres, os fluxos e transformações das peças. Perspectivas sobre gênero, equidade e diferenças também são uma constante em seus estudos. ralyanara@gmail.com

³ Isla Negra é uma ilha que fica na costa central do Chile, província El Quisco a cerca de 120 quilômetros de Santiago, capital chilena.

⁴ *Arpillera* é um termo em espanhol utilizado para nomear tecidos latino-americanos utilizados para ensacar batatas e arroz. No Brasil, um tecido semelhante a este é conhecido como juta. O termo *arpillera* também nomeia a técnica de bordado e costura manual sobre tela de sacarias e juta.

⁵ A imagem 1 mostra mulheres procurando por seus filhos e maridos desaparecidos no período da ditadura chilena.

Em 2013, *arpilleras* da resistência política chilena foram expostas no Brasil⁶. Também neste ano, militantes dos direitos humanos – Argentina e Chile – se encontraram⁷ em Buenos Aires, capital argentina, com ativistas brasileiras do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) ao participarem de oficinas e exposição da *arpillera* política. De volta ao Brasil, militantes do MAB difundiram essa técnica de bordado entre mulheres impactadas por grandes projetos hidrelétricos. Desde então, a *arpillera* é utilizada para narrar experiências de perda socioambientais provocadas pela exploração da água para produzir energia elétrica. Entre os lugares onde a técnica foi difundida e vem ocorrendo, destacamos, preliminarmente, imagem criada no baixo rio Xingu, Altamira (Pará)

Bordado enquanto ferramenta política

Por entre as pernas, um corpo negro e feminino sangra. Uma árvore, um hotel, uma escola e algumas casas compõem o cenário. Cinco trabalhadores uniformizados representam homens brancos em uma paisagem entrecortada por um rio. O bordado⁸ expõe nuances do cotidiano. O rio marca o caminho dos homens. Eles partem do Hotel Barrageiro em direção à Boate Xingu. Para a confecção desta peça, os retalhos de tecidos foram aplicados à mão com os pontos de costura e bordado denominados caseado⁹ e atrás¹⁰. Este bordado foi criado em dezembro de 2014 em Altamira, e exposto

⁶ Exposição realizada de julho a outubro de 2013 no Memorial da Resistência, em São Paulo.

⁷ Encontro facilitado pela ativista chilena de direitos humanos Roberta Bacic e pela artista visual argentina Teresa Pereda.

⁸ Conforme imagem 1.

⁹ Caseado é um ponto de bordado e costura utilizado na finalização de uma peça ou de um aplique específico. Este ponto evita que o tecido se desfaça, ou se desfie e também dá maior firmeza aos apliques sobrepostos. Consiste basicamente em enfiar a agulha de baixo para cima de forma repetida até que toda a peça esteja circulada.

¹⁰ Pelo ponto atrás os bordados ganham forma, textura e direção. Ele também é utilizado para o realçar elementos na peça bordada. O ponto atrás consiste em puxar a agulha na linha do desenho, em seguida o ponto é feito para trás. Depois de puxar a agulha um novo ponto é dado à frente do anterior e então o movimento se repete devendo o ponto seguinte ser feito para trás e no mesmo furo no qual a agulha saiu anteriormente.

no Memorial da América Latina, em São Paulo, no final de 2015.

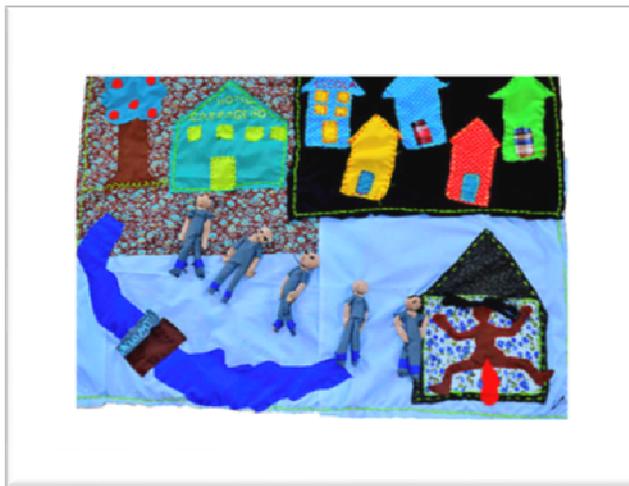


Imagem 1: Arpillera do baixo Xingu

O corpo que sangra na imagem representa uma menina de 16 anos ao fugir da Boate Xingu – casa de exploração sexual localizada em Altamira. O Hotel Barrageiro é utilizado por homens que trabalham na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, iniciada em junho de 2011 e inaugurada em maio de 2016. Quando não estão no canteiro de obras, eles se deslocam para a área urbana de Altamira, maior município do Brasil (IBGE, 2010), que está na Região de Integração do Xingu,¹¹ a sudoeste do estado do Pará.

Os temas bordados apresentam, para além do encadeamento da forma física – no que se refere à intervenção nos e com os tecidos –, aspectos da vida nessa região nos últimos anos. São desigualdades de gênero, violência sexual e degradação socioambiental os assuntos que essas peças denunciam. “Muitas vezes uma mesma mulher recebe vários homens numa noite, por isso representamos uma fila, o que também remete à disciplina rígida à qual os operários são submetidos” (MAB, 2015, p.

¹¹ Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajás, Placas, Porto de Moz, Senador José Porfírio, Uruará, Vitória do Xingu.

54). Bordados como este estão diretamente vinculados aos impactos provocados pelas construções das barragens.

Um exemplo é o acréscimo de diversas formas de violência. O relatório da pesquisa “Diagnóstico rápido participativo – Enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no município de Altamira”¹² atesta esse fato, ao evidenciar abusos e agressões contra mulheres, crianças e adolescentes, na faixa etária entre 12 e 17 anos, que moram em bairros periféricos¹³. Estas informações sobre o campo perpassam, ainda que superficialmente, os agentes em foco, as práticas investigadas e o objeto deste estudo.

Somamos a esta discussão a trajetória política da *arpillera*. Blanca (2014) percebe, nestas relações, a constituição de uma ação feminista que utiliza práticas tradicionais de manipulação da linha. Para ela, a *arpillera* apresenta um caráter emergente no qual histórias de vida são recapituladas e narradas da perspectiva feminista. No mesmo panorama trabalham Berenguel e Pérez (2010, p. 41) ao assegurarem que a *arpillera* é uma estratégia de luta “a favor de la justicia social, a través de um importante trabajo de empoderamiento, entendido como el proceso de toma de conciencia del poder que individual y colectivamente tienen las mujeres, convirtiéndose en agentes de cambio social”.

Partindo desta conexão entre mulheres e *arpillera*, traçamos um paralelo com as reflexões, sobre os usos políticos e a objetificação da cultura, elaboradas por Carneiro

¹² A pesquisa foi realizada em 2013 por uma equipe da Universidade Federal do Pará – UFPA – com o apoio da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República pelo projeto “Roda de Direitos”, mantido no Campus da UFPA em Altamira. Os dados principais são do Conselho Tutelar de Altamira, do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – do município e do Tribunal de Justiça local.

¹³ O relatório problematiza a ausência de dados indicativos à raça/cor, já que em 89% dos casos registrados não há esta referência nos processos judiciais, ainda que este seja um item obrigatório em laudos periciais. Tal ausência generalizada “remete, necessariamente, a uma negação da inserção da pauta étnico-racial no conjunto de elementos caracterizadores das vítimas e das possibilidades de elaboração de perfis comparativos que dimensionem a situação de vulnerabilização étnico-racial” (Pinho e Costa, 2013, p. 105). De modo semelhante, a ocultação da escolaridade de 77,6% do total de vítimas dificulta a análise comparativa e a percepção do conjunto de acesso aos serviços educacionais (et al, 2012). Em campo, pretende-se dar atenção a estas questões.

da Cunha (2009). A autora trabalha a categoria “cultura” – com aspas – referindo-se a uma lógica interétnica, ou seja, uma ligação entre diferentes sociedades onde um grupo faz uso de sua dinâmica social para garantia de seus interesses. Esta maneira de agir pode ser interpretada a partir das ponderações dessa autora, para quem a cultura – um dos principais objetos da antropologia – tem um caráter político, se constituindo também como objeto de negociação. Na circunstância que pretendemos focalizar, é possível perceber um jogo de interesses onde o bordado *arpillera* é criado, estrategicamente, para expor os impactos provocados pelas barragens sobre condições de vida e reivindicar melhorias. Neste jogo, elementos da cultura são acionados localmente e representados no bordado, objetivando determinada visão de mundo e transformando-a em ação política, ou seja, em “cultura” – com aspas. No trabalho citado, Cunha entende que a objetificação da cultura feita por grupos locais – em nosso caso mulheres que bordam *arpillera* – provoca sua própria atualização. Sobretudo, é exatamente nessa atualização que os grupos se mantêm vivos, sendo impossível separar cultura e “cultura”, afirma a autora.

Por isto, identificamos no processo de criação da *arpillera*, um campo para tensionar essas duas noções: cultura e “cultura”, tendo em vista os usos políticos que os grupos estudados fazem da *arpillera* em suas localidades. Da mesma forma, a criação deste bordado também pode ser problematizada a partir das estruturas de relações que diferenciam os agentes sociais. O prisma da ‘categoria diferenciada’, conforme expõe Avtar Brah (2006), justifica a qualificação provisória de nossos agentes de pesquisa como “mulheres bordadeiras”. Este destaque é importante, por entender que o “gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder”.

Ainda seguindo as guias de Avtar Brah (2006, p. 358), refletimos sobre a ‘experiência’ como instauradora ou formadora da ‘diferença’, o que não reflete de maneira transparente uma realidade substantiva, mas sim construções socioculturais. A ‘experiência’ seria então um processo de significação ou uma prática de atribuição de

sentidos ao vivido. No contexto que analisamos, as experiências – de perda, de gênero, e territoriais acionadas nos usos políticos do bordado – podem atribuir sentido à criação da *arpillera* e por isso as investigaremos.

Considerações

Entendemos que a atribuição de sentidos é o que confere valor à *arpillera*, e a torna flexível. Deste modo, também percebemos, a partir desta compreensão, que a *arpillera* e as “bordadeiras” devem ser estudadas em articulação com os lugares e contextos em que estão inseridas e pelos quais circulam. As questões que destacamos através destes rápidos comentários, a partir da bibliografia e de informações prévias sobre o objeto deste projeto, refletem o esforço de observar os fenômenos que tendemos a classificar como culturais ou políticos.

Isto é possível pela apresentação dos temas bordados que se colocam para além do encadeamento da forma física, privilegiando os processos de construção e atribuição de sentido à luta contra Belo Monte. São transgressões ao sistema de exploração da água e, por consequência, do ser integral e integrado antes vivido pelas mulheres do local. Por este processo, o empoderamento ocorre pela tomada de consciência, sempre resultando em trocas sociais capazes de modificar/transgredir a estrutura de opressão.

Referências bibliográficas

- BERENGUEL, Maria; PÉREZ, Alba. Las arpilleras, uma alternativa têxtil feminina de participación y resistencia social. In: GIL, Gregório (org.) *¿Por qué tienen que decir que somos diferente?* Mujeres inmigrantes, sujetos de acción política. Creative, 2010.
- BLANCA. Rosa. El bordado en lo cotidiano y en el arte contemporáneo: ¿práctica emergente o tradicional? In: *Revista Feminismos*, vol.2, n.3, set-dez, Salvador, 2014.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, pp. 329-376, 2006.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 1, n. 1, 2017.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sinopse preliminar do censo demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens. In. *Catálogo da Exposição: Arpilleras – bordando a resistência*. Memorial da América Latina: São Paulo – SP, 2015.

PINHO, V. A.; COSTA, A. O. *Relatório final do diagnóstico rápido participativo: enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes no município de Altamira - PA*. Alta